

O ABUSO SEXUAL NA PERSPECTIVA DA FAMÍLIA, DA VÍTIMA E DO ADOLESCENTE OFENSOR.

A relevância do tema de discussão desta mesa centra-se na necessidade de produzir conhecimento, reflexões e debates sobre um fenômeno muito comum, de efeitos psicológicos devastadores e pouco explorado pela literatura em nosso país, para, dessa forma, subsidiar intervenções clínicas e preventivas voltadas aos diferentes atores envolvidos no cenário do abuso sexual: a família, a vítima e o adolescente ofensor sexual.

MULHERES QUE DENUNCIAM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR SOFRIDA POR SEUS FILHOS. *Luiza Barros Santoucy** (Universidade de Brasília), Viviane Amaral dos Santos** (Vara da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios), Maria Inês Gandolfo Conceição (Universidade de Brasília), Liana Fortunato Costa (Universidade de Brasília)*

Dentre os aspectos que merecem atenção nos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, é importante destacar o papel desempenhado pela mãe da criança que faz a denúncia da violência sexual intrafamiliar, perpetrada por um membro de sua convivência, contra seu filho. Para compreender a experiência da mulher que faz a denúncia de violência sexual contra membros da sua família é fundamental em primeiro plano saber de que mulher estamos falando, percorrer o contexto político, social e econômico que influi na construção de gênero e do conceito de maternidade, papel designado ao gênero feminino. O estudo tem por objetivo compreender o papel de mulheres que fazem denúncia de violência sexual, perpetrada por um membro de sua convivência, contra seu filho(a). As participantes foram escolhidas com base nos seguintes critérios: a) apresentar postura de proteção após conhecimento da situação de violência sexual; b) realizar a denúncia formal nas instâncias de proteção e de garantias de direitos das crianças e dos adolescentes, contra um membro de suas relações familiares; c) ter disponibilidade para participar da entrevista. O trabalho apresenta resultados de entrevistas semi-estruturadas realizadas com cinco mães de crianças vítimas de violência sexual intrafamiliar. Nessas entrevistas procuramos compreender como se constituiu, para cada uma das mulheres, a experiência de realizar a denúncia de violência sexual contra um membro de suas relações familiares: as dificuldades, os sentimentos, as expectativas e decepções enfrentadas ao assumirem o papel de pessoa que faz a denúncia. Para a análise das entrevistas, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin, dividindo-se os resultados em quatro categorias: Susto, culpa, raiva, dúvida: primeiras reações frente à revelação; A dor da verdade torna-se força para agir; As instâncias de proteção e de garantia de direitos e as expectativas de apoio e resolução; Transformar-se e ir em frente. O discurso das entrevistadas demonstra a ênfase que a sociedade e a rede familiar conferem à atuação da mãe, que precisa ser forte e capaz de proteger apesar de suas próprias fragilidades. As motivações para a proteção decorreram do vínculo materno-filial fortalecido e do reconhecimento do dever materno de proteger e cuidar. Destacou-se o papel crucial das instituições de proteção e garantia de direitos e concluiu-se que as adversidades e o sofrimento conduziram a mudanças na forma de encarar e perceber as experiências da vida dessas mães. Por fim, concluímos que a mãe continua sendo peça importante no desenvolvimento interno da família, o que lhe gera uma constante preocupação com a auto e a heteroavaliação, sendo cobrada pelo amor incondicional a seus filhos. Diante de um crime que raramente deixa marcas e que

acontece sob a égide do silêncio, essas mulheres lutaram, e ainda lutam pela proteção e validação da experiência de seus filhos, pelo direito de que tenham uma vida digna e livre de qualquer tipo de violência.

Apoio financeiro/Bolsa: CAPES

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: violência sexual intrafamiliar, maternidade, gênero.

Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

O ADOLESCENTE QUE COMETEU ABUSO SEXUAL: ESTUDO DA SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO CLÍNICO. *Florencia Ávila de Oliveira Costa***

(Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Liana Fortunato Costa (Universidade de Brasília), Maria Inês Gandolfo Conceição (Universidade de Brasília)

Trata-se de pesquisa qualitativa cujo objetivo foi analisar a subjetividade de adolescentes que cometeram abuso sexual contra crianças, por meio dos sentidos subjetivos atribuídos à violência cometida. Pesquisas internacionais demonstraram o crescente índice de abuso sexual cometido por adolescentes, o que também é uma realidade brasileira. O estudo da subjetividade é fundamental para romper com concepções generalistas e estigmatizantes do sujeito que comete abuso sexual. Utilizou-se a epistemologia qualitativa de González Rey como possibilidade epistemológica, teórica e metodológica para abarcar a complexidade do fenômeno. Ao propor a psicologia cultural e histórica da subjetividade, González Rey a compreendeu como um macrossistema processual e contraditório que integra o pensamento do sujeito, as emoções e as situações vividas por ele, que aparecem em uma multiplicidade de sentidos subjetivos, constituídos em processos históricos e sociais. O paradigma de proteção integral também fundamenta esta pesquisa. Foram realizados atendimentos psicoterapêuticos individuais, entre abril e outubro de 2012, a três adolescentes das classes D e E, em cumprimento de medida socioeducativa, acompanhados pelo Projeto Invertendo a Rota, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Os indicadores e núcleos de sentido elaborados por meio da análise construtivo-interpretativa levaram à construção de três zonas de sentido acerca da subjetividade dos adolescentes que cometeram abuso sexual: 1) “O filhinho da mamãe” – o adolescente dominado pela mãe; 2) “O filho de ninguém” – o adolescente que não sabe quem ele é; 3) “O filho da mãe” – o adolescente estigmatizado autor de violência sexual. A primeira zona de sentido expressa a relação de controle e dominação das mães sobre os filhos, que os aprisionam ao isolamento social e a uma condição infantilizada, não permitindo que cresçam e se desenvolvam. Na segunda zona de sentido, diante de limitações sociais e relacionais, o adolescente não consegue se definir como sujeito do seu pensamento e emoções, nem definir seus próprios planos e desejos, tornando-se desconhecido para si mesmo. A terceira zona de sentido apresenta o adolescente estigmatizado por todos pelo ato cometido, o que o aprisiona novamente ao isolamento social e relacional. O ciclo de violência social move o adolescente da condição de vítima à condição de vitimizador. Na trama de sentidos subjetivos, a limitação do desenvolvimento dos adolescentes como sujeitos ficou evidenciada. A violência sexual configurou-se como tentativa de ser sujeito e não objeto da relação, de rompimento com a mãe dominadora, porém, de maneira não elaborada entre pensamento e emoção, colocando a vítima na condição de objeto. A violência também se apresentou como marco de transformações e sofrimento. Portanto, não basta o rompimento da violência, mas também a promoção do desenvolvimento saudável dos adolescentes, da ampliação de condições sociais,

relacionais e afetivas que sejam significativas em sua constituição como sujeito do seu desenvolvimento. A pesquisa revelou a urgência de atuação multiprofissional no atendimento dos adolescentes, familiares e grupos sociais, disponibilizando olhares atentos e escuta sensível para estes sujeitos que necessitam de ajuda, a qual deve ser oferecida precocemente para que eles não se cristalizem na condição de “abusadores” ou eternos “filhos da mãe”.

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: adolescente ofensor sexual, subjetividade, contexto clínico

Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

OS GRUPOS MULTIFAMILIARES COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL E SUAS FAMÍLIAS. *Liana Fortunato Costa (Universidade de Brasília), Maria Aparecida Penso (Universidade Católica de Brasília)*

Esta pesquisa teve início no ano de 2002, a partir da efetivação de uma parceria entre o Setor Psicossocial do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) e professores da pós-graduação e graduação da Universidade Católica de Brasília (UCB), e vem se desenrolando até hoje sob uma forma inovadora de pesquisa-intervenção. Seu objetivo inicialmente foi desenvolver uma metodologia de intervenção com famílias cujas crianças e adolescentes foram vítimas de abuso sexual. Posteriormente ao desenvolvimento da metodologia, esta passou a ser utilizada em contextos diversos, como Centros de Referência em Assistência Social (CREAS), Unidades especializadas de Saúde, além das clínicas escolas da Universidade Católica de Brasília e da Universidade de Brasília. Por se tratar de uma pesquisa-intervenção, nestes diferentes contextos são coletados dados para as pesquisas sobre as famílias, suas crianças e adolescentes; e ao mesmo tempo é oferecido um serviço especializado de atendimento psicossocial. O Grupo Multifamiliar tem como aportes teóricos a Psicologia Comunitária, a Teoria Sistêmica e a dimensão lúdica do Psicodrama. Somam-se a estes aportes o conceito de Rede Social, que considera que a aproximação dessas famílias deve necessariamente acontecer a partir de sua rede natural de pertencimento e sociabilidade. Parte do pressuposto de que várias famílias, com uma problemática semelhante, ao serem atendidas conjuntamente, ampliam as possibilidades de ajuda mútua, por mecanismos de identificação e/ou oposição entre seus participantes Os Grupos Multifamiliares desenvolvem-se com ênfase no aspecto lúdico por intermédio de jogos dramáticos. É uma adaptação da sessão psicodramática que se desenvolve em três etapas bem definidas: aquecimento, discussão de um tema específico em subgrupos (crianças, adolescentes e adultos) e compartilhamento de experiências. Os temas discutidos no grupo são: proteção, cuidado, auto-estima das mães e/ou cuidadoras, a perspectiva transgeracional da violência e o projeto de futuro. As histórias trazidas nos grupos realizados ao longo destes, quase 13 anos e nos diferentes contextos apontam para uma idealização da família por parte das mães; a dificuldade das mães em definirem formas adequadas de cuidado e proteção, a repetição de modelos de proteção e cuidado presentes em suas famílias de origem, associados a lembranças de maus tratos e abandono corroborando outros estudos que falam da dimensão transgeracional dos casos de abuso sexual intra ou extrafamiliar contra crianças e adolescentes. A metodologia tem-se mostrado eficiente, principalmente no esclarecimento sobre formas de cuidado e proteção. No entanto, apresenta limitações, naqueles casos onde existem conflitos familiares ou individuais muito intensos.

Nível do trabalho: Pós-Doutorado - PD

Palavras-chave: Grupo Multifamiliar, abuso sexual, crianças, adolescentes.

Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

RESGATANDO HERANÇAS: A TRANSMISSÃO GERACIONAL DO CUIDADO E DA PROTEÇÃO NO ABUSO SEXUAL INFANTO-JUVENIL. *Barbara Sales Ferreira** (Universidade Católica de Brasília), Maria Aparecida Penso (Universidade Católica de Brasília)*

O abuso sexual infanto-juvenil é um fenômeno social complexo, de difícil enfrentamento e na atualidade é considerado um problema de saúde pública. Este trabalho trata-se dos resultados de uma dissertação de mestrado. É uma pesquisa, de natureza qualitativa, que teve como objetivo conhecer as concepções de cuidado e proteção de mães/cuidadoras em famílias com histórico de abuso sexual infanto-juvenil, na perspectiva transgeracional e sua influência na dinâmica familiar. As informações da pesquisa foram coletadas utilizando em um grupo multifamiliar para famílias de crianças e adolescentes que foram vítimas de abuso sexual. Os encontros ocorreram no Centro de Formação em Psicologia Aplicada – CEFPA da Universidade Católica de Brasília – UCB. Foram utilizadas três salas dessa clínica escola, sendo uma para adultos, uma para as adolescente e uma para crianças. Participaram da pesquisa quatro famílias que foram encaminhadas judicialmente para o CEFPA, em ocorrência de abuso sexual contra uma de suas crianças e/ou adolescentes. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semi-estruturada, diário de campo e genograma. Os resultados da pesquisa foram apresentados contemplando a história familiar, a história do abuso sexual, o genograma e a história transgeracional do cuidado e da proteção. As informações obtidas nestes diferentes instrumentos foram analisadas. Para análise das informações foi utilizada a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey que compreende o conhecimento como construtivo-interpretativo. Foram levantados indicadores e construídas quatro Zonas de Sentidos: “cuidado e proteção: entre a repetição e a transformação da herança familiar”, “as matizes do cuidado e da proteção: rigidez – equilíbrio – difusão”, “entre a paralisação e avaliação: da superproteção ao abandono, da competência à falta de parâmetro” e “a possibilidade de transformação da herança”. A discussão das Zonas de Sentido evidenciou os seguintes aspectos: um discurso teórico sobre cuidado e proteção que não se aplica na prática; dificuldade em lidar com regras, papéis familiares e hierarquia; dificuldade em lidar com o tempo e a passagem das fases do ciclo de vida familiar (paralisia e aceleração do tempo); a busca pela transformação das heranças transmitidas entre as gerações. A pesquisa encontrou limitações tais como: dificuldade das famílias em comparecerem a todos os encontros, ausências de pessoas significativas na dinâmica familiar nos encontros do Grupo Multifamiliar. Além disso, a pesquisa evidenciou que há outros aspectos que envolvem a dinâmica do abuso sexual e a família como sugestão para novos estudos, como avaliar a relação de psicopatologia e as ações de cuidado e proteção das crianças vítimas de abuso sexual.

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: Abuso sexual, cuidado, proteção

Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade